

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

MARCOS BARBOSA DE ALMEIDA

EMPATIA E TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM
ASSOCIAÇÃO COM HISTÓRICO DE BULLYING,
NEGLIGÊNCIA E VIOLÊNCIA EM JOVENS

São Paulo

2023

MARCOS BARBOSA DE ALMEIDA

**EMPATIA E TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM
ASSOCIAÇÃO COM HISTÓRICO DE BULLYING,
NEGLIGÊNCIA E VIOLÊNCIA EM JOVENS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Psicologia da Universidade de
São Paulo.

Área de Concentração: Neurociências e
Comportamento

Orientador: Antonio de Pádua Serafim

São Paulo

2023

Nome: Almeida, Marcos Barbosa de

Título: Empatia e Traços de Personalidade em Associação com Histórico de Bullying, Negligência e Violência em Jovens

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Neurociências e Comportamento.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado foi uma oportunidade única com momentos de excepcional aprendizado acadêmico e pessoal. O desenvolvimento desta pesquisa foi marcado por inúmeros desafios, tristezas, incertezas, esperança e alegrias. Desejo exprimir os meus agradecimentos a todos aqueles, que de alguma forma, permitiram que essa tese se concretizasse.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Prof. Dr Antônio de Pádua Serafim pela orientação prestada, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou.

À Prof. Dra. Daniela Maria Oliveira Bonci pela ajuda preciosa ofertada durante alguns percalços pelo caminho. O meu muito obrigado.

Ao Prof. Dr. Claudio Ramos Oliveira Scorcine pela sua disponibilidade nas análises dos dados coletados, pela sua disponibilidade e igualmente pelo seu apoio na elaboração deste trabalho.

Aos diretores e professores das Etecs da Baixada Santista por acreditarem nesta pesquisa e concedendo o tempo de aula e o espaço para a coleta dos dados juntos aos alunos da instituição.

Aos alunos e seus responsáveis pela participação e preenchimento das respostas sem o qual não haveria esta pesquisa.

Agradeço ainda aos meus pais, e minha grande amiga professora Jadsanie Anayara por apoio a mim prestado durante todas as etapas deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

RESUMO

Almeida, M.B. (2023). *Empatia e Traços de Personalidade em Associação com Histórico de Bullying, Negligência e Violência em Jovens*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Empatia refere-se nossa habilidade de identificar o que outra pessoa está pensando ou sentindo e responder a seus pensamentos e sentimentos de maneira apropriada. Esta habilidade é atualmente descrita como componente dos processos de Cognição Social. Sabe-se que tais processos possuem base neurobiológica, porém é também compreendido que este sofre influência ambiental. Outro conceito necessário para este estudo tem formulação semelhante, o de personalidade, sendo que a construção desta é amplamente descrita como uma relação entre o indivíduo biológico e sua interação com o meio. Sendo assim indivíduos com histórico aversivo quanto aos relacionamentos pessoais podem apresentar dificuldades quanto a empatia e cognição social em geral. O presente estudo teve por objetivo compreender se há uma relação de influência entre os níveis de empatia, traços de personalidade em jovens com histórico de bullying e negligência. Participaram deste estudo 1578 jovens, sendo 758 (48,06%) masculino e 819 (51,93% (feminino), com faixa etária de 14 a 16 anos (média = 15,5 anos e DP 0,77) da rede pública de ensino. Foram utilizados três diferentes instrumentos para coleta de dados, o questionário de personalidade para crianças e adolescentes (EPQ-J), o coeficiente de empatia (EQ) e um questionário elaborado para verificação de presença de histórico de bullying, violência e ou negligência na infância e adolescência. Os resultados demonstram que 507 (32,14%) dos participantes revelaram identificação positiva para histórico de bullying, negligência e ou violência. Além disso, os participantes com histórico de violência expressaram as médias mais baixas no quociente de empatia (28, 34), quando comparado aos participantes sem histórico de violência (46,26). Observou-se ainda uma correlação significativa entre níveis de empatia, histórico de bullying, negligência e ou violência na infância e adolescência, e traços de personalidade, principalmente psicoticismo e neuroticismo. Os dados encontrados são sugestivos para se pensar em programas de intervenção quanto a diminuição de bullying e ampliação de habilidades sociais referentes ao contexto empático nesta população.

Palavras-chave: Empatia; Cognição Social; Personalidade; Violência; Bullying; Neuropsicologia

ABSTRACT

Almeida, M.B. (2023). *Empathy and Personality Traits in Correlation with History of Bullying, Negligence and Violence in Young People*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Empathy refers to our ability to identify what another person is thinking or feeling and to respond to their thoughts and feelings appropriately. This ability is currently described as a component of Social Cognition processes. It is known that such processes have a neurobiological basis, but it is also understood that this process is influenced by the environment. Another concept necessary for this study has a similar formulation, that of personality, and its construction is widely described as a relationship between the biological individual and his interaction with the environment. Therefore, individuals with an aversive history of personal relationships may have difficulties with empathy and social cognition in general. The present study aimed to understand whether there is a relationship of influence between levels of empathy, personality traits in young people with a history of bullying and neglect. 1577 young people being 758 (48.06%) male and 819 (51.93% (female), aged 14 to 16 years (mean = 15.5 years and SD 0.77) from the public school system participated in this study. Three different instruments were used for data collection, the personality questionnaire for children and adolescents (EPQ-J), the empathy coefficient (EQ) and a questionnaire designed to verify the presence of a history of bullying, violence and/or neglect in childhood, and adolescence. The results indicated that 507 (32,14%) of the participants revealed history of bullying, neglect and or violence. In addition, participants with a history of violence expressed the lowest averages in the empathy quotient (28, 34), when compared to participants without a history of violence (46.26). There was also a significant correlation between levels of empathy, history of bullying, neglect and/or violence in childhood and adolescence, and personality traits, mainly psychoticism and neuroticism. The data found are

suggestive for thinking about intervention programs regarding the reduction of bullying and expansion of social skills related to the empathic context in this population.

Palavras-chave: Empathy; Social Cognition; Personality; Violence; Bullying; Neuropsychology

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Critérios de interpretação da EPQJ (Eysenck & Eysenck, 2013).....	33
Tabela 2	Dados Demográficos, tabela com dados sociodemográficos sexo, idade, ano escolar e ocorrência ou não de bullying e ou negligência.....	35
Tabela 3	Média dos escores do Quociente de Empatia dos participantes com e sem histórico de bullying / negligência.....	36
Tabela 4	Dados descritivos da classificação dos participantes de acordo com o EQ	37
Tabela 5	Média dos escores no EPQJ dos participantes com e sem histórico de bullying / negligência	38
Tabela 6	Correlação entre EQ, EPQJ e histórico de bullying (N=1577)	39

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	10
2. UMA VISÃO GLOBAL SOBRE EMPATIA	12
2.1 Empatia, Neurobiologia e Ambiente	14
3. BULLYING E CYBERBULLYING.....	19
3.1 Contextualização do Bullying	19
3.2 Contextualização do Cyberbullying	22
4. Personalidade, Bullying e Cyberbullying.....	24
5. VIOLÊNCIA E NEGLIGÊNCIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	28
6. OBJETIVOS.....	30
6.1 Objetivos Específicos	30
6.2 Hipóteses	31
7. MÉTODO	31
7.1 Amostra	31
7.2 Procedimento	32
7.3 Instrumentos.....	32
8. ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	34
9. RESULTADOS	35
10. DISCUSSÃO	39
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
12. REFERÊNCIAS	46
13. ANEXOS	55

1. APRESENTAÇÃO

Segundo Baron Cohen (2011) há várias maneiras de se definir empatia e em seu conceito, esta ocorre quando os indivíduos suspendem o foco de atenção 'mentalmente-singular' e ao invés disso adotam o foco de atenção 'mentalmente dual'. Esta definição de empatia se estende em "empatia é a nossa habilidade de identificar o que outra pessoa está pensando ou sentindo e responder a seus pensamentos e sentimentos de maneira apropriada" (Baron-Cohen, 2011 p.26).

Ainda para o autor, uma alta capacidade empática pode beneficiar o indivíduo quanto aos relacionamentos interpessoais de sua esfera social, como maior facilidade nos diálogos e na solução saudável de conflitos, melhorando assim a qualidade de vida social, em contrapartida, um nível muito baixo de capacidade empática pode atuar como dificultador nestas relações.

Rieffe, Ketelaar e Wiefferink (2010) afirmam que a empatia é uma capacidade humana básica que serve para regular as relações, constituindo num apoio para a colaboração e coesão do grupo, que possibilita a qualidade nas relações interpessoais. Além disso, a empatia é apontada como um sentimento que faz a pessoa compreender a situação do outro e ser impulsionada a ajudar (Rasoal, Eklund & Hansen, 2011).

Além da influência neurobiológica, descrita anteriormente, é necessário compreender a interferência ambiental nos processos da cognição social e conseqüentemente na empatia.

Sendo assim o indivíduo é um ser biológico, portador de sua fisiologia e predisposições específicas, que sofre influência ambiental o qual modela o comportamento do indivíduo com base em suas experiências de vida. Além destes, a forma como o ser interpreta suas experiências vivenciais é única, e por sua vez influencia a constituição de sua personalidade (Friedman & Schustack, 2016).

Mantendo este conceito, a personalidade por mais complexa em sua construção, é passível de ser avaliada, e dessa forma, pode revelar dados e características importantes sobre os indivíduos. Atualmente existem várias teorias da personalidade advindas de diferentes abordagens, Hans Eysenck (1992) em sua

teoria tem como base fatores biológicos, argumentando que os indivíduos herdam um certo tipo de sistema nervoso que afeta sua capacidade de aprender e de se adaptar ao meio ambiente. O Modelo de Eysenck e Eysenck (1975), chamado Eysenck Personality Questionnaire Junior - EPQ-J é uma medida de autoavaliação das diferenças individuais nas três dimensões de personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Psicoticismo) do modelo de Hans Eysenck, em crianças e adolescentes de 8 a 15 anos de idade.

Assim como a construção da personalidade a qual é realizada a partir da do ser biológico com suas próprias peculiaridades neurobiológicas, fisiológicas gerais e sua interação com os estímulos ambientais, a empatia também é desenvolvida nesta maneira, bem como demais habilidades sociais.

Estudos realizados pelos autores (Falcone, 1998, 2000, 2003; Caballo, 2006; Del Prette & Del Prette, 2002) mostram que embora a infância seja vista como uma etapa de maior facilidade para o desenvolvimento da habilidade de empatia, a possibilidade concreta de desenvolvimento das habilidades sociais, incluindo-se a empatia, em qualquer etapa da vida através de aprendizagem formal.

Com base neste aporte, ressalta-se que adversidades vivenciadas durante a infância e adolescência, como bullying e ou negligência, seja por conta do ambiente escolar, familiar, vizinhança ou qualquer ambiente em que o sujeito esteja inserido, podem segundo Del Prette e Del Prette (2001a, p.95), gerar dificuldades não apenas empáticas, como promover o desenvolvimento de transtornos psicológicos em que déficits de habilidades sociais estão envolvidos.

Atualmente as Neurociências têm realizado amplamente em locais variados estudos acerca da empatia, principalmente com visão cognitiva e neurobiológica. Visto isto, o presente estudo objetiva verificar se há associações em relação aos níveis de empatia, traços de personalidade, histórico de bullying e negligência em uma população de jovens com faixa etária de 14 a 16 anos.

2. UMA VISÃO GLOBAL SOBRE EMPATIA

A empatia de certa forma se traduz como um resultado multidimensional, incluindo os componentes afetivo, cognitivo e comportamental, tem sido considerada uma característica necessária para a educação no processo de ensinar e aprender. É a capacidade de entender, compreender, apoiar, ajudar e motivar as pessoas com as quais nos relacionamos. Permite nos aproximar do que o outro pensa, sente e imagina. Tende a facilitar a vida social, possibilitar melhor trabalho em equipe e gerar mais valorização quanto às contribuições dos sujeitos nos relacionamentos interpessoais nas diversas áreas em que se atue.

Na perspectiva cognitivista, a empatia pode ser atualmente definida, em situações de demanda afetiva, como a capacidade de apreender sentimentos e de identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão e sentimento (Del Prette & Del Prette, 2001). Essa definição articula o aspecto cognitivo (adotar o ponto de vista do interlocutor), o afetivo (experimentação da emoção do outro, mantendo a distância emocional necessária) e o comportamental (expressar compreensão) conforme defendido por diversos autores (Del Prette & Del Prette, 2001; Falcone, 2001; Roberts & Strayer, 1996). A definição de Del Prette e Del Prette (2001) introduz a expressão “situação de demanda afetiva”, sugerindo uma propriedade de algumas situações para as quais a resposta empática é esperada e adequada.

Na perspectiva fenomenológica, a empatia é a experiência de participar do estado emocional do outro e, assim, compreendê-lo. Entretanto, na empatia, os observadores ficam cientes do fato de que a emoção ou intenção das quais participam é realmente a emoção ou intenção do outro. Não se trata de um mero contágio emocional. Geralmente a empatia é concebida como um fenômeno que propicia ao sujeito “colocar-se no lugar do outro” ou “sentir o que o outro sente, na perspectiva do outro” ou, então, é apresentada como “uma resposta de uma pessoa ao estado afetivo de outra” (Bastos & Carvalho, 1992).

Ao passo que na perspectiva evolucionista, conforme De Waal (2009), somos préprogramados a oferecer ajuda, e há uma predisposição natural para o desenvolvimento da empatia, o mecanismo subjacente ao ajudar. Embora a empatia

não seja uma característica exclusiva da espécie humana, é mais desenvolvida em humanos do que em outros animais (Bjorklund, 1997; Plutchik, 1992) e, portanto, neste sentido, talvez seja uma das nossas características mais especiais. Muitos estudos apontam que desde muito cedo, nós, seres humanos, apresentamos uma predisposição natural para a empatia, cujo desenvolvimento e deflagração estão sujeitos a condições específicas, que merecem ser mais bem investigadas — dada a importância da empatia na psicologia humana.

A empatia se encontra dentro de um conjunto maior denominado Habilidades Sociais, as quais compreendem a base da construção das relações sociais. Para (Caballo,1996), pessoas socialmente habilidosas seriam capazes de promover interações sociais mais satisfatórias, independentemente de serem mais ou menos extrovertidas, desde que seu repertório quanto a habilidades sociais seja adaptativo para o meio em que vive.

O termo habilidades Sociais refere-se ao conjunto de classes e subclasses comportamentais que o indivíduo apresenta para atender às diversas demandas das situações interpessoais, um repertório social maior tende a proporcionar elevada competência social ,ou seja, melhor capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e comportamentos em um desempenho que atenda adequadamente às demandas do ambiente social, supondo os seguintes critérios de avaliação: “consecução dos objetivos, manutenção ou melhora da autoestima e da qualidade da relação, equilíbrio de ganhos e perdas entre os parceiros da interação, respeito e ampliação dos direitos humanos” (Del Prette & Del Prette, 2001a, p. 34).

A falta desta habilidade, ou seja, uma baixa capacidade empática, tende a promover dificuldades no convívio social, uma vez que promove visões unilateralistas de mundo, dificultando a solução de conflitos humanos, o que pode para os estudantes do ensino médio diminuir significativamente sua qualidade de vida interpessoal, tendo em vista que estes já possuem outras dificuldades relacionadas a esta fase de tantas mudanças na vida.

Em uma perspectiva ampla, de acordo com Serafim e Saffi (2015), a empatia traduz o que ocorre de forma natural na experiência humana subjetiva de semelhança entre os sentimentos expressos por si, pelos outros, sem perder de vista, a quem de fato estes sentimentos pertencem.

Em outro seguimento, a literatura tem enfatizado que a empatia se constitui de um elemento fundamental na personalidade humana uma vez que participa ativamente no aperfeiçoamento das relações interpessoais, bem como na prevenção da agressividade entre pares (Song & Shi, 2017). Neste enfoque comportamentos pró-sociais, que representam ações ou atividades consideradas socialmente positivas, cujo objetivo principal seria atender as necessidades e ao bem-estar do outro, tais como, o altruísmo, a generosidade e a cooperação, estariam associadas a uma expressão adequada de empatia (Decety et al, 2016).

Por outro lado, comportamentos pautados pela destruição ou prejuízos do outro, associados a características egoísticas, competitivas, hostis e agressivas classificadas como socialmente negativas, contemplam aspectos antissociais e baixa resposta de empatia (Eisenberg et al, 2010).

2.1 Empatia, Neurobiologia e Ambiente

Para Simon Baron-Cohen (2011), ao analisar o conceito de mal ou maldade humana, vê-se que este não traz explicação nenhuma e para a ciência isto é claramente inadequado, o inquérito sobre como as pessoas são capazes de se comportar de tal maneira não pode ser encerrado utilizando uma explicação como esta, de que pessoas são simplesmente más.

Para ele a resposta real se dá ao entender a causa a qual faz as pessoas tratarem outros como meros objetos, ele explora o como as pessoas podem tratar outras cruelmente sem fazer referência ao conceito de mal, mas sim utilizando o conceito de empatia, pois ao contrário do mal, empatia tem poder explicativo, portanto, o autor substitui o termo “mal” por erosão empática.

Ainda segundo o autor a erosão empática pode surgir por causa de questões situacionais como emoções corrosivas, como inveja, desejo por vingança, ódio, ou desejo extremo de proteger. Em teoria estas são emoções transitórias e nestes casos, a erosão empática é reversível, porém está também pode ser resultado de características psicológicas mais permanentes, como as causadas por lesões cerebrais e transtornos neurológicos.

Para Jean Decety (2015), a empatia inclui em primeiro lugar, compartilhamento afetivo, que reflete a capacidade de compartilhar ou tornar-se afetivamente excitado pela valência emocional dos outros e intensidade relativa sem confusão entre eu e outro; em segundo lugar, a preocupação empática, que corresponde a motivação para cuidar do bem-estar do outro; e em terceiro lugar, tomada de perspectiva (ou empatia cognitiva), a capacidade de conscientemente colocar-se na mente de outro e entenda o que essa pessoa está pensando ou sentindo. Nesta perspectiva, Jean Decety (2015) ressalta que o processo neurobiológico da empatia tem participação direta de circuitos cerebrais conectando o tronco cerebral, amígdala, gânglios da base, anterior córtex cingulado, ínsula e córtex orbitofrontal. Relatos de estudos empíricos que as reações empáticas surgem cedo na vida, e que são não automáticos. Em vez disso, eles são fortemente influenciados e modulados por fatores interpessoais e contextuais, que afetam o comportamento e cognições.

Ainda de acordo com Jean Decety (2015) há uma clara característica evolutiva em mamíferos quanto a mecanismos subjacentes a empatia, estando inclusos nestes circuitos neurais que conectam o cérebro caule, amígdala, hipotálamo, gânglios basais e córtex orbitofrontal que regulam a motivação para aproximação/abordagem e motivação para evitação.

Dessa forma a empatia inclui uma variedade de processos neurobiológicos e subsistemas de processamento de informação parcialmente dissociáveis, cada um dos quais tem uma história evolutiva única. Mesmo as formas mais avançadas e flexíveis de empatia em humanos são construídas em formas mais básicas e permanecem conectados ao núcleo subcortical e neuro-hormonal mecanismos associados aos processos de comunicação afetiva, cuidado parental e vinculação social.

Dentre estes inúmeros processos estão os mecanismos neuroendócrinos e os comportamentos mediados por estes, os quais são altamente conservados em espécies de mamíferos, como exemplificado em um de seus trabalhos com roedores.

Buttman e Allegri (2001) destacam ainda a cognição social, que se traduz como um processo neurobiológico o qual permite que humanos e outros animais possam interpretar os signos sociais de maneira adequada e, responder a estes de forma

apropriada. Também é possível definir o processo cognitivo como elaborador da conduta apropriada em resposta a diferentes indivíduos de sua espécie, principalmente, processos cognitivos superiores os quais sustentam condutas sociais amplamente diversas e flexíveis.

É destacada pelos autores a importância do córtex pré-frontal no processo da cognição social, no ambiente médico, estudos de pacientes com lesão cerebral, demonstram que uma lesão pré-frontal tende a gerar dificuldades em tomar decisões e no raciocínio social.

A qualidade de empatia pode ser mensurada pela capacidade da reprodução de um estado emocional no indivíduo em consequência a percepção do sofrimento do outro. Para que este processo ocorra, os mecanismos cerebrais envolvidos na interpretação de signos emocionais devem estar preservados. Para investigar a capacidade de um indivíduo reconhecer a expressão emocional de uma face, uma das possibilidades é reproduzir tal expressão em si mesmo, e identificar o sentimento desencadeado.

Nessa situação, os pacientes com lesão nestas áreas apresentam transtornos no juízo emocional de faces (Blonder, Bowers & Heilman, 1991; Ross, 1994). Charles Darwin propôs que certas emoções têm uma base neural inata, já que são expressas de maneira universal através das distintas culturas. Elas corresponderiam às emoções primárias: nojo, medo, pânico, tristeza, surpresa, interesse, felicidade e desgosto. (Buttman & Allegri 2001, p. 277)

Buttman e Allegri (2001) ressaltam que, com o desenvolvimento da criança, ela aprende a manipular as emoções de acordo com as normas e expectativas sociais. Desta forma o córtex pré-frontal ventromedial permite uma relação entre o reconhecimento de uma emoção e a resposta desencadeada.

Autores como Preston e De Wall, (2002) apontam que empatia engloba componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. O cognitivo caracteriza-se pela adoção de perspectiva do outro, isto é, a capacidade de interpretar e compreender os sentimentos e pensamentos de alguém. O reconhecimento das emoções constitui um dos requisitos cognitivos da empatia. O componente afetivo

da empatia caracteriza-se por uma tendência a experimentar sinais de simpatia e de compaixão pelos outros, além de preocupação genuína com o bem-estar da pessoa-alvo. O componente comportamental da empatia caracteriza-se por transmitir, de forma verbal e não verbal, um reconhecimento explícito dos sentimentos e da perspectiva da outra pessoa, de tal maneira que ela se sinta realmente compreendida.

Pesquisas demonstram que maiores níveis de empatia proporcionam redução na emissão de comportamentos agressivos (Findlay, Girardi & Coplan, 2006), diminuição do bullying (Şahin,2012), diminuição da intolerância, redução da discriminação, e aumento do respeito pelo outro (Wang et al, 2003).

2.2 Baixa Empatia e a Possibilidade de Prejuízos Interpessoais

Uma alta capacidade empática garante ao indivíduo benefícios nos relacionamentos interpessoais de sua esfera social, como maior facilidade nos diálogos e na solução saudável de conflitos, melhorando assim a qualidade de vida social, em contrapartida, um nível muito baixo de capacidade empática pode contribuir para que exista grande dificuldade nestas relações, segundo Sena (2010), Adolescentes com problemas de comportamento, falta de habilidades sociais e em especial empatia, podem vivenciar dificuldades em fazer e manter amizades, bem como seu controle emocional e como resultado estes afetarem na escolhas e atuações diárias durante o período escolar.

Segundo o autor, a dificuldade empática pode ser extrema ou branda, e os prejuízos acompanham tais níveis. A baixa empatia não está apenas relacionada a pessoas que possam agir agressiva e ou violentamente de maneira física ou verbal, sujeito com baixa capacidade empática podem achar muito difícil se relacionar com os outros, e podem viver muito isoladamente, mas para os que chegam a ponto de causar dano físico ou moral ao próximo, mesmo quando é mostrado a eles que feriram outra pessoa isto não lhes significam nada.

Estes tendem a não experienciar remorsos ou culpa, pois simplesmente não entendem o que a outra pessoa está sentindo, neste nível encontram-se algumas pessoas com diferentes transtornos ou doenças como, psicopatia, narcisismo,

borderline, asperger e autismo, porém é de extrema importância ressaltar que nem sempre um destes quadros trará as consequências citadas, estes transtornos costumam apresentar sintomas altamente heterogêneos.

Há ainda pessoas que podem ser capazes de ferir aos outros, porém com capacidade de reflexão a respeito do que tenha feito e mostrar um pouco de arrependimento, estas podem inibir com facilidade a agressão física, porém pode não ser o suficiente para evitar gritar com os outros ou dizer palavras ofensivas, mas conseguem ter a percepção quando fizeram algo de errado ao ver que os sentimentos dos outros foram feridos, porém podem não saber exatamente a razão para tal.

Além disso, há pessoas que por conta de seu baixo repertório quanto a habilidades sociais e empatia tendem a sofrer diariamente se tornando algo cotidiano e “natural” para estas, situações como evitar as outras no trabalho por conta de ser muito difícil a interação social, viver mais isoladamente e possuir poucos relacionamentos afetivos até mesmo com familiares.

Indivíduos entrevistados neste nível relataram uma tendência a manter sua cabeça baixa e realizar seu trabalho na esperança de que isso evite o maior contato com outras pessoas e conversas simples, como falar sobre o tempo, podem ser um pesadelo para estas pessoas.

Sendo assim, por conta de maior ansiedade e evitação, escolhas desde a infância e adolescência podem ser realizadas com base nestas dificuldades, diminuindo significativamente a qualidade de vida destes indivíduos.

Por outro lado, pessoas em situação ou com histórico de violência demonstram prejuízos nas relações interpessoais (principalmente manter relacionamentos interpessoais), dificuldades na expressão e regulação emocional, bem como menor expressão de empatia quando comparados com pessoas sem históricos de violência (Peterson et al, 2017; Arseneault, 2018; Franzen et al, 2021). Em um estudo de revisão sistemática sobre a relação bullying e empatia de 40 artigos, os resultados mostraram que o bullying estava negativamente associado à empatia cognitiva e, em particular, afetiva (van Noorden et al, 2015).

3. BULLYING E CYBERBULLYING

3.1 Contextualização do Bullying

Embora a questão do bullying não seja recente, sua ocorrência continua a ser manifesta corroborando a importantes danos a saúde mental de suas vítimas, principalmente no ambiente escolar.

De acordo com Olweus (1993) o bullying representa uma manifestação específica de comportamento agressivo, o qual ocorre pela repetição e por uma assimetria de forças. A sua ocorrência é persistente com intenção bem definida de provocar danos físico, psicológico e moral em uma ou mais pessoa, geralmente ocorre no ambiente escolar, o que priori se apresentam como mais “fracos e incapazes” de se defenderem. A agressão é repetida e tem um caráter degradante e ofensivo, sendo mantida apesar da emissão de sinais claros de oposição e desagrado por parte do alvo. É intencional, não provocado pela vítima e pode ser considerado como uma forma de abuso, que pode ser tanto físico como psicológico (Olweus, 1993).

O bullying caracteriza-se por atos repetidos de opressão, tirania, agressão e dominação de indivíduos ou grupos sobre outros indivíduos ou grupos, subjugados pela força dos primeiros (Lopes, 2005). Por ser uma condição notadamente frequente, cursa com elevado custo social, de saúde e econômico tanto para as vítimas quanto para os perpetradores e impacto psicológico de longa duração na vítima. Além disso, o comportamento de bullying transpassa categorias sociais e demográficas como idade, gênero, etnia, nível de sucesso acadêmico e ambiente profissional (Dobry, Braquehais & Sher, 2013; Bandeira & Hutz, 2016).

De acordo com Ramos:

O bullying difere da violência explícita que é facilmente identificável em algumas escolas, tais como pichações, atos de vandalismo ou agressões físicas, por se tratar de algo mais sutil. Podemos dizer que o fenômeno é tolerado pela comunidade escolar, e visto muitas vezes como ‘normal’ no relacionamento entre crianças e adolescentes. (2008, p.2)

Existem duas categorias em que o bullying se enquadra: o bullying direto, uma prática muito comum e associada a agressores do sexo masculino e bullying indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como características o isolamento e a exclusão social da vítima. De acordo com Fante, (2005, p.28) os bullies (praticantes do bullying) têm *personalidade dominadora, autoritária e provocativa*. É importante ressaltar que o bullying é um comportamento apreendido, consequência de uma educação contra prudente, na qual quem comete não tem noção de respeito à individualidade e à diferença, não se admitindo sentimento de solidariedade e empatia para com o outro.

A literatura destaca que as práticas de Bullying tendem a se repetir nos diferentes ambientes com prevalência de três categorias mais frequentes: agressão física manifesta por empurrões, socos e pontapés; de forma verbal pela ocorrência de apelidos pejorativos, xingamentos, fofocas e insultos e como violência psicológica traduzida pela conduta de isolar ou excluir a pessoa socialmente (Silva et al., 2018)

De acordo com Dobry, Braquehais e Sher (2013) o bullying tem sido abundantemente observados por pais e professores em escolas de ensino fundamental, mas demonstrou originalmente a sua presença negativa em espaços corporativos, já com adultos, embora por vezes se denominando de assédio moral. O resultado direto do bullying, para ambas as vítimas e perpetradores, corresponde a um aumento do risco de transtornos psiquiátricos, incluindo depressão, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos de ansiedade, abuso de substâncias e comportamento suicida (Leite et al., 2020).

Estudo em 79 países (Elgar et al, 2015) demonstrou que a prevalência da prática de bullying foi de 32,4% em homens em relação a 27,2% nas mulheres. O bullying em homens foi mais comum na África (49,8%) comparado a Europa (30,0%) e nos países do Mediterrâneo Oriental (28,4%). Nas mulheres, o bullying foi aproximadamente duas vezes mais comum nos países africanos (46,3%) do que nos países europeus (24,6%). As taxas de prevalência nacional de bullying em homens variaram de 12,4% na Armênia a 72,3% no Egito, por exemplo. Já nas mulheres, o bullying variou de 8,7% na Itália a 46,3% no Zâmbia (Elgar et al, 2015).

Na realidade brasileira estudo transversal Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 com amostra nacional representativa de 102.301 estudantes, evidenciou que a prevalência de prática de *bullying* foi de 19,8%, com maior ocorrência na região Sudeste (22,2%), tendo o estado de São Paulo uma frequência de 24,2% de casos. A cidade com maior prevalência foi Boa Vista em Roraima com 25,5%. Os meninos (24,2%) praticaram mais *bullying* em relação a 15,6% das meninas, bem como os estudantes mais jovens, de 13 a 15 anos (22,0%).

Além da frequência, os estudos também direcionam o foco para os impactos à saúde mental de quem sofre o *bullying*. A vítima de *bullying* pode sofrer vários problemas de saúde, como por exemplo, transtorno do pânico, fobia escolar e social, além de depressão. Cada uma dessas patologias apresenta características que influenciam e comprometem o rendimento escolar das vítimas e conseqüentemente afetam também o desenvolvimento de sua autonomia, pensamento crítico e relações sociais ao longo da sua vida, sendo necessário o acompanhamento multidisciplinar adequado para ajudar no tratamento desses problemas.

Dados recentes reforçam o olhar para um possível efeito duradouro do *bullying* além dos períodos da infância e adolescência. Esta consideração de acordo com Arseneault (2017) implica em uma profunda mudança nas estratégias de prevenção e intervenção nessa modalidade de violência. A ocorrência do *bullying* foi associada como preditor de prejuízo na saúde mental no que tange à depressão e à ideação suicida, tanto em meninas quanto em meninos (Turner et al, 2013).

Analisando uma amostra de mais de 8.000 alunos do ensino fundamental e médio (51% do sexo feminino; idade média de 12,5 anos) como vítima e perpetrador de *bullying* ao longo de 5 anos nos Estados Unidos, Evans et al (2018) observaram que: o histórico cumulativo de *bullying* foi positivamente associada à agressão e sintomas internalizantes, e negativamente associada à autoestima e ao otimismo futuro. A perpetração cumulativa de *bullying* foi positivamente associada à agressão e negativamente associada ao otimismo futuro. O comportamento negativo cumulativo de espectador foi positivamente associado à agressão e sintomas de internalização e negativamente associado ao desempenho acadêmico e ao otimismo futuro. Na Noruega, usando um modelo para análise de efeitos aleatórios em uma amostra de 351 jovens, os resultados revelaram que sofrer *bullying* foi associado a

pontuações mais baixas em bem-estar mental e pontuações mais altas em sintomas de ansiedade e depressão (Ringdal et al, 2021).

Uma revisão integrativa de abril a junho de 2019 na realidade brasileira totalizando 12 estudos demonstrou que os quadros mais frequentes foram a depressão, baixa autoestima e ideação e tentativas de suicídio em 71,22%, além das implicações nos processos de aprendizagem (Vieira et al, 2020).

3.2 Contextualização do Cyberbullying

O Termo Cyberbullying pode é considerado uma modalidade de bullying, que se caracteriza principalmente manifestação da agressão de forma verbal e visual pelos recursos das mídias digitais. Neste contexto, Valkenburg e Peter (2011) ressaltaram que tanto internet quanto os recursos de mensagem tiveram uma importante influência nos processos da interação social da população de uma maneira geral, e entre os jovens. Valkenburg e Peter (2011) enfatizam que esta realidade de comunicação instantânea se traduz tanto em positividade, quanto em manifestação prejudicial, quando expressa no formato de Cyberbullying, o que tem preocupado pais, educadores e pesquisadores frente aos possíveis efeitos na saúde mental dos adolescentes (Suzuki et al, 2012).

De acordo com Sara et al (2005, p.464) a prática do cyberbullying envolve o uso de meios eletrônicos com a intenção de causar dano, humilhação, sofrimento, medo e desespero ao indivíduo que é alvo da agressão. Com o advento das tecnologias das chamadas mídias digitais, o cyberbullying tem sido consistentemente manifesto por e-mail, salas de bate-papo, online, telefones celulares e mensagens instantâneas.

As primeiras classificações das formas de cybebullying foram descritas por Nocentini et al (2010): (1) escrito-verbal, telefonemas, mensagens de texto e e-mails; (2) visual, envio de imagens e/ou fotos constrangedoras; (3) representação, engloba usar ou roubar a identidade de outra pessoa para revelar informações pessoais, usando sua conta e; (4) exclusão, quando exclui deliberadamente alguém que seja membro do grupo online.

O impacto do cyberbullying de uma maneira geral cursa com tendência nas vítimas de fatores internalizantes como, por exemplo, o desenvolvimento de transtornos afetivos negativos, solidão, ansiedade, depressão, ideação suicida e sintomas somáticos e estresse (Nixon, 2014; Botino et al., 2015; Peng et al, 2019; Islam et al, 2019; Krešić & Kaštelan, 2020; John et al, 2020).

Se tomarmos por base a Teoria da Aprendizagem Social no que tange uma consideração sobre os comportamentos de bullying e cyberbullying, neste contexto, a agressão é tratada como um evento complexo que inclui comportamentos que produzem prejuízos e efeitos destrutivos, bem como processos de rótulos sociais (Bandura, 1973). O comportamento agressivo surge na interação social e pode ser definido como todo o comportamento que visa causar danos ou prejuízos em alguém (Lisboa, 2005).

O objetivo do comportamento agressivo varia e pode estar relacionado à autodefesa e à adaptação (Lisboa, 2001). Bandura (1973) afirma que através do comportamento agressivo ou da dominação pela força física e verbal, os indivíduos podem obter recursos valiosos, modificar regras para seu próprio benefício, obter controle e subordinados, eliminar condições que são adversas ao seu bem-estar e até remover barreiras que impedem ou atrasam a obtenção de um objetivo.

Desta forma, o comportamento que é punitivo para a vítima pode ser, pelo menos em curto prazo, recompensador para o agressor. O referido autor afirma que o agressor pode alcançar um status importante, consolidando sua superioridade e sua capacidade de dominar. A dominação social ou a popularidade podem ser consideradas como um prêmio pelo comportamento agressivo (Almeida, Lisboa & Caurcel, 2007).

Tanto os grupos de animais quanto os indivíduos utilizam a agressividade para alcançar objetivos e recursos (Bandura, 1973). No processo de grupo, onde muitos participam, a responsabilidade pelo comportamento agressivo se dilui e os sentimentos de culpa tendem a diminuir (Almeida, Lisboa & Caurcel, 2007). Diferente da agressão ou do comportamento agressivo, a agressividade pode ser considerada como inerente ao ser humano. Daí a necessidade de se compreender o contexto no qual uma situação de agressão como o bullying e o cyberbullying.

4. Personalidade, Bullying e Cyberbullying

A personalidade compreende a qualidade pessoal e exclusiva de uma pessoa, associada a um conjunto de características pessoais que a distingue de outra estando diretamente ligada aos aspectos biológicos e psicológicos (cognitivos e emocionais) de forma consistente e que atuam como modulares da expressão do comportamento nos diferentes contextos sociais (Serafim, Rocca & Souza, 2021).

No escopo do estudo da personalidade se insere a teoria dos traços de personalidade a qual postula que as pessoas naturalmente lidam com situações diferentes e interagem com seu ambiente de maneiras diferentes (Ali, 2019), os traços de personalidade são entendidos como padrões de pensamento, sentimento e comportamento que são relativamente duradouros ao longo da vida de um indivíduo, ou seja, as características da personalidade (Rebollo & Harris, 2006). Teóricos definiram traço como tendências generalizadas e personalizadas que se revestiam em modos consistentes e estáveis de ajuste do indivíduo ao ambiente [6], e dessa forma prestaram importante contribuição para a área da avaliação decorrente da proposta de modelos mais estruturados como testes psicológicos objetivos (escalas, inventários) de investigação das características normais e patológicas da personalidade (Allport & Allport, 1921).

Tomando como referência da teoria dos traços, outro autor de relevância para a área é o Hans Eysenck que por meio da análise fatorial, identifica três traços da personalidade fundamentados no conceito de dimensionalidade ou dois extremos. Assim apresenta a Extroversão versus Introversão; Neuroticismo versus Estabilidade Emocional e Psicoticismo versus Autocontrole (Eysenck, 1990). O trabalho de Eysenck teve importante repercussão para o desenvolvimento de escalas da personalidade tanto para crianças e adolescentes quanto para adultos.

Cabe esclarecer que Eysenck (1992b) deu um significado particular ao termo “psicoticismo”. Ao utilizá-lo em seu modelo, ele se refere a determinados comportamentos antissociais, e não a uma doença mental. Já as pessoas com níveis elevados de extroversão participam mais de atividades sociais. Tendem a ser mais comunicativas e se sentem mais cômodas em grupo. Em geral, os extrovertidos gostam de ser o centro das atenções e, muitas vezes, têm um círculo

grande de amigos e parceiros. A extroversão se mede em um contínuo, que vai desde alto (extrovertido) abaixo (introvertido).

Por outro lado, os introvertidos tendem a ser mais silenciosos, evitam grandes reuniões sociais e podem se sentir incômodos ao interagir com estranhos. Ao contrário, mantêm grupos pequenos de amigos próximos e é provável que prefiram atividades mais contemplativas.

Eysenck (1992b) acreditava que a extroversão está relacionada com os níveis de atividade cerebral ou com a atividade cortical. Os extrovertidos experimentam níveis mais baixos de atividade cortical, o que os levaria a buscar estímulos externos. Os níveis de atividade mais altos nos introvertidos os levariam a evitar estímulos externos que possam acarretar um maior aumento da atividade.

Hans Eysenck (1992b) também propôs uma segunda dimensão: estabilidade emocional versus instabilidade emocional ou neuroticismo. As pessoas com uma pontuação alta em relação ao neuroticismo teriam a tendência de experimentar níveis mais altos de estresse e ansiedade. Elas se preocupariam com assuntos relativamente insignificantes, exagerariam sua importância e se sentiriam incapazes de lidar com situações estressantes.

O foco nos aspectos negativos de uma situação, ao invés dos positivos, pode levar uma pessoa a adotar uma perspectiva desproporcionalmente negativa. Pode sentir inveja ou ciúme de outros que acredita estarem em uma posição mais favorável.

O neuroticismo também se caracteriza pelo perfeccionismo e insatisfação. Por outro lado, uma pessoa com uma pontuação mais baixa em neuroticismo geralmente experimentará uma maior estabilidade emocional. Falamos de pessoas que, em geral, se sentem mais capazes de enfrentar situações estressantes e estabelecer metas condizentes com suas capacidades. As pessoas com baixo nível de neuroticismo costumam ser mais tolerantes com as falhas dos demais e permanecem mais tranquilas em situações exigentes.

O psicoticismo foi uma adição tardia à teoria da personalidade de Hans Eysenck, incluída em 1976. Esta terceira dimensão da personalidade vai desde a normalidade (baixo psicoticismo) até o alto psicoticismo.

As pessoas com pontuações mais altas em psicoticismo têm mais probabilidade de adotar comportamentos irresponsáveis ou impensados. Também podem contrariar as normas sociais estabelecidas e ter a necessidade de satisfação imediata, independentemente de suas consequências.

Entretanto, o psicoticismo também tem aspectos positivos. Em um estudo de 1993, Eysenck comparou as pontuações dos participantes na *Barron-Welsh Art Scale* e na *Eysenck Personality Questionnaire*, e descobriu que as pessoas com alta pontuação de psicoticismo tendiam a possuir habilidades criativas mais avançadas.

Eysenck (1992b) sugeriu que o psicoticismo tinha influência de fatores biológicos e que tinha correlação com níveis de hormônios, como a testosterona. Segundo o modelo PEN, os altos níveis de psicoticismo reduzem a capacidade de resposta de uma pessoa ao condicionamento, o que significa que para ela seria mais difícil se adaptar às normas sociais que costumamos aprender através da recompensa e do castigo.

Assim, a escola e os pais devem levar em consideração o papel da personalidade nos comportamentos de risco do adolescente. Existe um efeito no neuroticismo e extroversão na cybervitimização, nossas descobertas contribuem para entender como os traços de personalidade impactam na cybervitimização e no tempo da internet e redes sociais (Rodríguez-Enríquez et al, 2019).

Por exemplo, promover atividades de lazer sociais saudáveis nas escolas para atender a necessidades de alunos mais extrovertidos, incentivar as atividades de grupos estimulando a cooperação e o pertencimento ajuda a fornecer ferramentas para lidar com o estresse e podem ser estratégias que contribuem para reduzir o tempo de internet e redes sociais e com isso resultar na diminuição da cybervitimização no ambiente escolar.

Embora a cybervitimização esteja despertando o interesse da comunidade científica, se faz necessárias mais pesquisas para investigar os traços de personalidade e com isso, propor projetos e intervenções na escola. O cyberbullying é uma prática que está se tornando mais comum em alunos do ensino médio e certos traços de personalidade foram significativamente associados com cybervitimização. A associação entre a cybervitimização e o tempo gasto em redes

sociais podem ser explicados devido a uma confusão de certas características nos traços de personalidade com o tempo de uso de internet e redes sociais.

Estudos descritivos demonstraram que as vítimas são caracterizadas por pontuações mais altas nas características de afabilidade (por exemplo, sensibilidade para com os outros), abertura para a experiência (por exemplo, vários interesses culturais, criatividade e fantasia), instabilidade emocional ou neuroticismo (por exemplo, sentimentos de ansiedade, medo, preocupação, baixa autoestima e depressão) e extroversão (por exemplo, sociabilidade, entusiasmo, assertividade e autoconfiança) (Rodríguez-Enríquez et al, 2019; Escortell et al, 2020).

Os agressores, por outro lado, têm se caracterizado por níveis mais baixos de agradabilidade e conscienciosidade (por exemplo, ordem, precisão e cumprimento de compromissos). Assim, os traços de personalidade desempenham um papel importante como fatores explicativos para comportamentos de vitimização e agressão de cyberbullying (Kokkinos & Voulgaridou, 2016).

Geralmente, as vítimas são caracterizadas por extrovertidas, agradáveis e abertos a novos perfis de experiências com baixos níveis de neuroticismo, enquanto, ao mesmo tempo, tendem não ser muito agressivo verbalmente. No entanto, uma análise de regressão logística confirmou que pontuações em extroversão e pontuações baixas em agressão verbal explicaram sua participação neste papel, portanto, pré-adolescentes sociáveis e verbalmente menos agressivos têm maior probabilidade de serem vítimas de cyberbullying (Escortell et al, 2020).

Embora esses resultados estejam de acordo com estudos anteriores que caracterizaram as vítimas por seus altos níveis de extroversão e agradabilidade, eles refutam outras publicações que destacaram pontuações mais altas em neuroticismo, bem como outros que encontraram altos níveis de raiva em vítimas de cyberbullying (Escortell et al, 2020).

A descoberta de que as vítimas pré-adolescentes de cyberbullying um perfil ajustado e social, bem como a constatação de que a extroversão explica sua participação, pode estar relacionado à ideia de que sujeitos mais sociáveis têm maior interesse em se relacionar com seus pares através da Internet e das redes sociais e, portanto, podem estar mais vulneráveis a sofrer de episódios de

cyberbullying, devido ao aumento da exposição a situações online (Escortell et al, 2020).

Quanto ao nível baixo da agressão verbal como fator explicativo e consequente, isso pode ser devido ao achado de que o assédio à vítima pode ser causado por uma busca por aprovação de colegas e, portanto, o fato de que as vítimas são menos agressivas os torna alvos fáceis para o comportamento de cyberbullying, já que isso garante um ótimo benefício para os agressores: anonimato (Escortell et al, 2020).

Neste cenário Chamarro et al (2016) afirmaram que os jovens tendem a se sentir invulneráveis aos perigos da Internet e são motivados pelo imediato gratificação e curiosidade por experiências estimulantes e arriscadas, levando a dificuldades de controle de impulsos. Alunos com mais cultura interesses e criatividade têm menor risco de se tornarem perpetradores de cyberbullying.

5. VIOLÊNCIA E NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A violência juvenil é um grande problema de saúde pública em muitos países. A exposição à violência no início da vida contribui para problemas crônicos de saúde, comportamentos de risco e dificuldades psicossociais e acadêmicas o que justifica estudos proponentes. Negligência e maus-tratos se configuram como as de violência mais graves, tanto pelo número de vítimas que faz, como pelas sequelas negativas que deixa em crianças e adolescentes (Pasian et al, 2013).

Em uma pesquisa Olson et al. (2011), ao realizar uma investigação em crianças com idade escolar, resultados mostraram que crianças com vivência a contatos mais acolhedores, conseguiram melhor desempenho em tarefas de cognitivas de maneira geral quando comparadas a crianças com histórico de condutas parentais aversivas tais como punição corporal e violência verbal.

Dificuldades relacionadas a um baixo nível de empatia e cognição social estão associadas a duas categorias comportamentais, os comportamentos externalizantes como impulsividade, agressão e antissociais e internalizantes tais como retraimento, depressão, queixas somáticas e ansiedade. Tais dificuldades tendem elevar riscos quanto a redução da socialização, rejeição por seus pares, isolamento, problemas acadêmicos e profissionais (Mecca et al., 2016 apud McCabe & Altamura, 2011).

A infância é um período decisivo para o aprendizado de habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999), e por isso o contexto familiar, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos.

Conforme observa Del Prette e Del Prette (1999), as condições familiares de educação dos filhos têm sido referidas em termos de práticas parentais, entendidas como “padrões relativamente estáveis de comportamentos ou procedimentos que os pais utilizam na relação com os filhos”.

Sobre os desempenhos dos pais nessa tarefa, Del Prette e Del Prette (2001a, p.95) propõem a análise das práticas a partir do conceito de habilidades sociais educativas (HSE), definidas como “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro”. No contexto familiar das relações pais e filhos, o desempenho dos pais é representado por uma variedade de habilidades sociais educativas que podem influenciar o repertório comportamental dos filhos.

Já é conhecida uma grande quantidade de transtornos psicológicos em que déficits de habilidades sociais estão envolvidos, na qual muitas vezes, o treinamento destas mostra-se como uma saída simples e eficaz no tratamento psicoterápico.

Para Ramos e Silva (2011) os principais tipos de violência sofridos por crianças e adolescentes são: maltrato físico (agressão não acidental que provoque ou não lesões), maltrato psicológico (agressão verbal ou rejeição psicológica), negligência (abandono ou descuido das necessidades básicas) e abuso sexual (atividade sexual não desejada, onde o agressor usa a força, faz ameaças ou exclui vantagens da vítima que se torna incapaz de negar).

Segundo Araujo (2004), o abuso sexual infantil é definido como a exposição de uma criança a estímulos sexuais impróprios para a sua idade, onde o adulto ou adolescente mais velho submete a vítima, com ou sem o seu consentimento, a satisfazer ou estimular seus desejos sexuais, impondo pela força física, ameaça, sedução com palavras ou ofertas de presente.

A constante notificação da violência, Infantil tem ocupado um número considerável de estudos, que inclui identificação, diagnóstico, etiologia, aspectos sociais, físicos e consequências psicológicas das vítimas (Afifi et al, 2015, Clayton et al., 2018; Assed et al, 2020; Marques et la 2020). Estes estudos têm enfatizado principalmente a necessidade da ampliação de novas pesquisas para que se possa subsidiar programas de prevenção.

Com base nesta fundamentação, neste estudo, buscou-se verificar possíveis associações entre histórico bullying e negligência na expressão da empatia e traços de personalidade em jovens.

6. OBJETIVOS

5.1. Geral

Investigar o histórico da ocorrência de bullying, violência e ou negligência em uma amostra jovens estudantes.

5.2 Objetivos Específicos

a) Verificar os índices de empatia em jovens com histórico de bullying, violência e ou negligência.

b) Avaliar as características de personalidade de acordo com o modelo dos três fatores de Eysenk em jovens com histórico de bullying, violência e ou negligência

6.2 Hipóteses

A partir da questão inicial e objetivos do estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses a serem verificadas no presente trabalho:

1. Jovens com histórico de histórico de bullying, violência e ou negligência apresentam prejuízos nos índices de empatia.
2. Jovens com histórico de histórico de bullying, violência e ou negligência apresentam elevação nos índices de neuroticismo.
3. Jovens com histórico de histórico de bullying, violência e ou negligência apresentam elevação nos índices de picoticismo.

7. MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal observacional

7.1 Amostra

Participaram deste estudo 1578 jovens com faixa etária entre 14 e 16 anos, sendo 704 garotos e 874 meninas alunos de Escolas Técnica de São Paulo, residentes da Baixada Santista. A amostra foi por conveniência, participaram com exclusividade deste estudo apenas os estudantes que apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis e o Termo de Assentimento (TALE), em acordo a Resolução Nº 466 (12/12/2012) do Conselho Nacional de Saúde, devidamente assinado pelos seus responsáveis legais. (Anexo D).

Critérios de Inclusão: Estudantes de escolas técnicas estaduais na faixa etária entre 14 e 16 anos que se voluntariaram e apresentaram TCLE e TALE.

Critérios de Exclusão: Estudantes de escolas técnicas estaduais com idade abaixo ou acima da etária entre 14 e 16 anos e não apresentaram TCLE e TALE.

7.2 Procedimento

A coleta de dados foi realizada com base em um projeto de intervenção já vigente junto a instituição, o projeto de intervenção visa fornecer ferramentas e conhecimento para a diminuição de casos de bullying entre alunos. Para isso é realizada em cada sala (turma) uma coleta de dados referente a empatia, traços de personalidade e histórico de bullying. Após coleta e análise são realizadas atividades voltadas para o aumento da tolerância e empatia, bem como diminuição de bullying entre estudantes. As coletas são sempre realizadas em salas de aula disponibilizadas nas Escolas Técnicas de São Paulo – ETECs, localizadas na Baixada Santista, e as atividades interventivas do projeto são realizadas em sala de aula, auditório ou quadra poliesportiva. Este estudo derivou como um braço do projeto já aprovado pelo comitê de ética cujo registro é CAAE 1 61810016.6.0000.5508.

7.3 Instrumentos

Questionário de Personalidade para Crianças e Adolescentes O EPQ-J

Utilizado para investigar os traços de personalidade de crianças a partir dos 10 até os 16 anos, com escolaridade mínima correspondente ao terceiro ano ou que tenha domínio de leitura. Construído e validado com base nos três grandes fatores de Eysenck (Eysenck & Eysenck, 2013):

a) neuroticismo – descreve pessoas com maior tendência a dificuldade de lidar com experiências emocionais, em função da elevação da sensibilidade, dessa forma respondem com mais ansiedade e mais variação de humor. A elevação do neuroticismo está associada a maior sensibilidade de situações estressantes.

b) psicoticismo – descreve características de pessoas mais egocêntricas, gostam de sensações fortes até vivenciar situações de perigo para satisfazer os seus desejos. Dessa forma tendem a serem menos cuidados consigo e com os outros, além de quebrar leis e normas.

c) extroversão - descreve pessoas mais comunicativas e com maior abertura ao relacionamento social. Geralmente, se apresentam mais positivas e otimistas e alegres demonstrando vivacidade.

Os critérios de interpretação da EPQJ para a realidade brasileira estão expressos na tabela 1.

Tabela 1. Critérios de interpretação da EPQJ (Eysenck & Eysenck, 2013)

Classificação	Neuroticismo	Psicoticismo	Extroversão	Percentil
Muito Baixo	0-2	0	0-4	5
Baixo	3-5	1	5-8	10-20
Médio	6-11	2-6	9-11	30-70
Alto	12	7-11	12	80-90
Muito Alto	13-14	12-14	13	99

Nota: Para este estudo utilizamos apenas os dados do psicoticismo e neuroticismo.

Avaliação de histórico de bullying, violência e ou negligência.

Foi elaborado um questionário sociodemográfico com informações da ocorrência ou não de bullying, violência e ou negligência, durante infância e adolescência. (ANEXO B)

Avaliação da Empatia

A fim de verificar níveis de empatia, foi utilizado o coeficiente de empatia (EQ), o qual através de um escore final mostra diferentes classificações quanto a níveis de empatia dos indivíduos respondentes, sendo estas, abaixo da média, média, acima da média e muito alto.

A versão do EQ (ANEXO A) para adolescentes deve ser respondida pelos pais, pensando que esta versão poderia trazer informações com viés dos pais ou ainda, não refletir a realidade do cotidiano principalmente no ambiente escolar, optou-se por utilizar a versão para adultos adaptada aos adolescentes, a qual foi respondida pelos próprios sujeitos. Para garantir a qualidade das respostas neste questionário foi realizada a análise estatística Alpha de Crombach para cada item, análise a qual apresentou coeficiente de confiabilidade de 0,89.

O Quociente de Empatia (EQ), adaptado para idade dos participantes, é um questionário autoaplicável contendo quarenta itens sobre as situações cotidianas em que o comportamento empático pode ser verificado.

Os escores obtidos neste instrumento, são classificados em cinco tipos distintos, que definem os diferentes níveis de capacidade empática, (Baron-Cohen, 2011 p. 124), conforme visualiza-se na relação abaixo:

- **Tipo 1** – Abaixo da Média (0 – 32)
- **Tipo 2** – Média (33 – 52)
- **Tipo 3** - Acima da Média (53 – 63).
- **Tipo 4** - Muito Alto (64 – 80).
- **Tipo 5** – Máxima (80).

8. ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para este estudo foram utilizados os softwares IBM SPSS Statistics v24 e extensão PROCCES v3.5 por Andrews F. Hayes e JASP v0.16.0.0. Após a verificação da normalidade das variáveis pesquisas, optou-se por utilizar a correlação de Pearson para observação da magnitude de associações entre as variáveis investigadas.

Para as comparações entre o grupo que apresentaram nível alto de bullying e para baixo nível de bullying foi utilizado o teste T de Student para amostras independentes.

O nível de confiança foi estabelecido em $p < 0,05$.

9. RESULTADOS

Na tabela 2 estão expressos os dados demográficos dos 1577 participantes com faixa etária de 14 a 16 anos (média = 15,5 anos e DP 0,77) da rede pública de ensino.

Tabela 2. Dados sociodemográficos e ocorrência ou não de bullying e ou negligência

Características (amostra geral)	N (1577)	%	Existência da Ocorrência de Bullying / Negligência (N - %)	
			N	%
Gênero / Idade / Escolaridade				
Masculino (total)	758	48,06%	291	18,45%
Masculino com Idade (14 anos)	57	0,36%	26	45,61%
Masculino com Idade (15 anos)	125	7,92%	56	44,8%
Masculino com Idade (16 anos)	576	36,52%	208	36,11%
Masculino 1º Ano Ensino Médio	59	3,74%	26	44,06%
Masculino 2º Ano Ensino Médio	348	22,06%	163	46,83%
Masculino 3º Ano Ensino Médio	351	22,25%	101	28,77%
Feminino (total)	819	51,93%	216	26,37%
Feminino com Idade (14 anos)	152	9,63%	41	26,97%
Feminino com Idade (15 anos)	206	13,06%	51	24,75%
Feminino com Idade (16 anos)	461	29,23%	125	27,11%
Feminino 1º Ano Ensino Médio	170	10,77%	43	25,29%
Feminino 2º Ano Ensino Médio	322	20,41%	96	29,81%
Feminino 3º Ano Ensino Médio	327	20,73%	78	23,85%

De acordo com os dados da tabela 2, verifica-se que a maioria dos participantes 51,93% (819 participantes) era do sexo feminino, distribuídas quanto à idade em 16 anos (29,23%), 15 anos (13,06%) e 14 anos (9,63%). Quanto a divisão

por escolaridade esta se deu em primeiro ano do ensino médio (10,77%), segundo ano do ensino médio (20,41%) e terceiro ano do ensino médio (20,73%).

Já os participantes do sexo masculino corresponderam a 36,52% (758 participantes), distribuídos quanto à idade em 16 anos (36,52%), 15 anos (7,92%) e 14 anos (0,36%). Quanto a divisão por escolaridade está se deu em primeiro ano do ensino médio (3,74%), segundo ano do ensino médio (22,06%) e terceiro ano do ensino médio (22,25%).

Ainda de acordo com a tabela 2, em relação à verificação da ocorrência de bullying, negligência e ou violência, da amostra total, 507 dos participantes revelaram identificação positiva o que corresponde a 32,14% dos casos.

Na tabela 3 estão expressos os dados referentes às médias dos escores do Quociente de Empatia (EQ) dos participantes sem histórico de bullying, negligência e ou violência em relação aos participantes que confirmaram histórico de bullying, negligência e ou violência.

Tabela 3. Média dos escores do Quociente de Empatia dos participantes com e sem histórico de bullying / negligência

Participantes	N	EQ	
		MD (DP)	p*
Participantes sem Histórico de Bullying / Negligência	1609	46,26 (9,1)	
Participantes com Histórico de Bullying / Negligência	507	28,34 (3,4)	,001

Nota: MD= média; DP= desvio padrão

* nível de significância $p < 0,001$ teste t de Student

De acordo com a tabela 3, foi verificado que os participantes com histórico de bullying / negligência obtiveram uma média de 28,34 pontos no EQ, instrumento para avaliar empatia, no qual se tem a medida de 0 a 32 pontos como a tipologia,

“Abaixo da média” em comparação aos participantes sem histórico de bullying / negligência com média de 46,26 pontos. É importante ressaltar que mesmo considerando o desvio padrão, o máximo de pontuação seria 31,75, ainda abaixo de 32, mantendo a classificação “*Abaixo da Média*”. Dessa forma, é possível sugerir que os participantes com histórico de bullying / negligência apresentaram indicativos de prejuízos da empatia com significância estatística (teste t de Student).

Na tabela 4 estão expressos em detalhes a distribuição da amostra geral em relação às classificações de empatia segundo EQ.

Tabela 4. Dados descritivos da classificação dos participantes de acordo com o EQ

Classificação	N	%
Abaixo da Média	507	32,14%
Média	869	55,1%
Acima da Média	141	8,94%
Muito Alta	78	4,94%

De acordo com os dados da tabela 4, quanto a empatia verifica-se que dos mil quinhentos e setenta e sete participantes avaliados, quinhentos e sete participantes obtiveram a classificação na tipologia “*Abaixo da Média*”, (32,14%) da amostra total, duzentos e cinco (40,4%) do sexo feminino e trezentos e dois (59,56%) do sexo masculino.

Na tipologia “*Média*”, oitocentos e sessenta e nove sujeitos obtiveram esta classificação, correspondendo a (55,1%) da amostra total, quatrocentos e setenta e quatro (54,54%) do sexo feminino e trezentos e noventa e cinco (45,45%) do sexo masculino.

A classificação na tipologia “*Acima da Média*”, foi obtida por cento e quarenta e um participantes correspondendo a (8,94%) da amostra total, noventa e quatro (66,66%) do sexo feminino e quarenta e sete (33,33%) do sexo masculino.

A tipologia “*Muito Alta*” foi a menos obtida, sendo esta atingida por Setenta e oito participantes, correspondendo a (4,94%) da amostra total, quarenta e seis (58,97%) do sexo feminino e trinta e dois (41,02%) do sexo masculino.

Na tabela 5 estão expressos os dados referentes às médias dos escores do Questionário de Personalidade para Crianças e Adolescentes (EPQ-J) dos participantes sem histórico de bullying, negligência e ou violência em relação aos participantes que confirmaram histórico de bullying, negligência e ou violência.

Tabela 5. Média dos escores no EPQJ dos participantes com e sem histórico de bullying / negligência

EPQJ	com histórico de bullying / negligência (n=507)	sem histórico de bullying / negligência (n=1069)	*p
	MD(DP)	MD(DP)	
P	7,3 (3,8)	3,2 (1,1)	,001
N	12,6 (4,0)	10,9 (1,7)	,001

Nota: EPQJ= Questionário de Personalidade para Crianças e Adolescentes; P=psicoticismo; N= neuroticismo; MD= média; DP= desvio padrão

* nível de significância $p < 0,001$ teste t de Student.

Com base nos dados da tabela 5 pode-se verificar que os participantes com histórico de bullying / negligência (n=507), obtiveram média 7,35 na pontuação (P), escore o qual é definido pelo instrumento EPQ-j como “*Alto*” para psicoticismo em relação aos participantes sem histórico de violência com significância estatística (teste t de Student).

Resultado semelhante foi observado em relação ao neuroticismo (N), sendo evidenciado que os participantes com este histórico de violência expressam as

maiores médias em relação aos participantes sem histórico de violência, com significância estatística (teste t de Student), (tabela 5).

Na tabela 6 estão expressos os resultados referentes as análises da correlação de Pearson quanto as variáveis investigados pelos instrumentos EPQ-J, EQ e ocorrência de violência, bullying / negligência.

Tabela 6. Correlação entre EQ, EPQJ e histórico de bullying (N = 1577).

	1	2	3	4
1. EQ		-,509**		-,726**
2. P-EPQJ	-,509**		,066**	,561**
3. N-EPQJ	-,349**	,066**		,297**
4. Bullying		,561**	,297**	

** correlação de Pearson significativa ao nível 0,01

De acordo com os dados da tabela 6 observa-se que houve uma correlação alta mostrando que quanto maior a ocorrência do Bullying menor é pontuação de empatia (-,726**, $p < 0,01$). Foi observada também uma correlação moderada entre maior ocorrência do Bullying maior pontuação no psicoticismo do EPQJ (561**, $p < 0,01$).

10. DISCUSSÃO

Neste estudo, o principal objetivo a princípio foi coletar dados referentes ao nível de empatia, traços de personalidade e ocorrência ou não de histórico de bullying, negligência e ou violência em uma população de jovens de escolas públicas.

A ocorrência bullying, negligência e ou violência foi referida por cerca de um terço da amostra. A literatura tem ressaltado que sua ocorrência se traduz em elevado custo social e impacta na saúde geral e psicológica das vítimas Além disso,

sua ocorrência engloba múltiplas categorias sociais e demográficas como idade, gênero, etnia, nível de sucesso acadêmico e ambiente profissional (Dobry, Braquehais & Sher, 2013; Bandeira & Hutz, 2016; Arseneault, 2017; Vieira et al, 2020; Ringdal et al, 2021).

Neste contexto, a ocorrência do bullying em mais de trinta por cento da amostra estudada corrobora dados da literatura internacional (Elgar et al, 2015). Já em relação aos dados nacionais, foi evidenciando números mais elevados. Por exemplo, na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 com 102.301 estudantes, evidenciou que a prevalência de prática de *bullying* foi de 19,8%, com maior ocorrência na região Sudeste (22,2%), tendo o estado de São Paulo uma frequência de 24,2% de casos. A cidade com maior prevalência foi Boa Vista em Roraima com 25,5%.

Quanto ao local de ocorrência do bullying neste estudo também se verifica a escola como o principal campo de ocorrência, que se geralmente se dá por agressão física manifesta por empurrões, socos e pontapés; de forma verbal pela ocorrência de apelidos pejorativos, xingamentos, fofocas e insultos e como violência psicológica traduzida pela conduta de isolar ou excluir a pessoa socialmente (Dobry, Braquehais & Sher, 2013; Silva et al., 2018; Leite et al, 2020).

Outro importante dado de relevância neste estudo refere-se aos resultados da avaliação do desempenho dos 507 participantes que relataram histórico de bullying, negligência e ou violência quanto ao Quociente de Empatia (EQ). Os resultados demonstraram que estes participantes obtiveram uma média classificação inferior ao valor médio esperado. Dado este que sugere indicativos de prejuízos da empatia.

Se tomarmos por referência a definição de empatia de Del Prette e Del Prette (2001), é possível aventar que estes jovens de certa forma, expressam uma dificuldade na capacidade de apreender sentimentos e de identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão e sentimento. A constatação de baixos índices de empatia, nos faz pensar no grau de prejuízo nas habilidades sociais, uma vez que, a empatia também é entendida como pertencente ao conjunto de habilidades sociais, como pontuou Caballo (1996).

Seguindo nesta linha de entendimento, como já descrito anteriormente, a empatia engloba componentes cognitivos, afetivos e comportamentais (Preston & De Wall, 2002). O processo relativo ao cognitivo associa-se a capacidade de interpretar e compreender os sentimentos e pensamentos de alguém. O papel do reconhecimento das emoções constitui um dos requisitos cognitivos da empatia. Quanto ao componente afetivo, este se caracteriza por uma tendência a experimentar sinais de simpatia e de compaixão pelos outros, além de preocupação genuína com o bem-estar da pessoa-alvo. Já o componente comportamental da empatia caracteriza-se por transmitir, de forma verbal e não verbal, um reconhecimento explícito dos sentimentos e da perspectiva da outra pessoa, de tal maneira que ela se sinta realmente compreendida.

Outros autores apoiam os dados encontrados neste trabalho, (Findlay, Girardi & Coplan, 2006), evidenciam que maiores níveis de empatia geram redução quanto a realização de comportamentos agressivos. A empatia tende a aumentar a frequência de comportamento pró-social e de maneira efetiva auxiliar como inibidor de comportamentos agressivos, variados tipos de intolerância, discriminação, e gerando ainda maior respeito pelos demais (Wang, Davidson, Yakushko, Bielstein & Bleier, 2003).

Visto isto, prospectar para esta população maiores dificuldades no convívio social, principalmente decorrente das visões unilaterais de mundo e potencializando os conflitos (Decety et al, 2016; Song & Shi, 2017) parece bem pertinente. Além do que, prejuízos da empática podem cursar com características egoísticas, competitivas, hostis e agressivas classificadas como socialmente negativas, corroborando comportamentos antissociais (Eisenberg et al, 2010; Espejo-Siles, Zych, & Llorent, 2020; Martínez, Rodríguez-Hidalgo, & Zych, 2020).

O histórico de bullying, negligência e ou violência em mais de trinta por cento da amostra estudada revelou também implicações nas características de personalidade dos 507 participantes.

Dada a relevância da personalidade no processo de desenvolvimento humano, seu estudo se torna imprescindível na investigação das questões emocionais e adaptativas as exigências do ambiente. A personalidade compreende a qualidade pessoal e exclusiva de uma pessoa, associada a um conjunto de

características pessoais que a distingue de outra estando diretamente ligada aos aspectos biológicos e psicológicos (cognitivos e emocionais) de forma consistente e que atuam como modulares da expressão do comportamento nos diferentes contextos sociais (Serafim, Rocca 7 Souza, 2021).

Uma das linhas de estudo da personalidade compreende a investigação dos traços psicológicos. Neste escopo, os traços de personalidade descrevem padrões de pensamento, sentimento e comportamento que são relativamente duradouros ao longo da vida de um indivíduo (Rebollo & Harris, 2006). Assim sendo, os traços representam tendências generalizadas e personalizadas que se revestem em modos consistentes e estáveis de ajuste da pessoa ao ambiente a qual está inserida, e dessa forma prestam importante contribuição para a área da avaliação decorrente da proposta de modelos mais estruturados como testes psicológicos objetivos (escalas, inventários) de investigação das características normais e patológicas da personalidade (Eysenck & Eysenck, 2013). Além disso, a literatura enfatiza a relação entre traços de personalidade e dificuldades adaptativas (Yap, Anusic, & Lucas, 2012).

Assim, utilizamos Eysenck Personality Questionnaire Junior - EPQ-J (2013), que é uma medida de autoavaliação das diferenças individuais nas três dimensões de personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Psicoticismo) para crianças e adolescentes entre 8 a 15 anos de idade. Para este estudo utilizamos apenas os dados do psicoticismo e neuroticismo.

Os resultados evidenciaram que ter sofrido ocorrência bullying, negligência e ou violência se associa com elevação tanto do psicoticismo, quanto do neuroticismo, quando comparado aos jovens sem histórico de violência.

A elevação do psicoticismo sugere que estes jovens tendem adotar posturas mais egocêntricas, vivenciar emoções fortes de forma que podem se colocar em situações de risco, colaborando para condutas com menor grau de cuidado consigo e com os outros (Eysenck & Eysenck, 2013; Vaz Abeche et al, 2021). De acordo com Eysenck e Eysenck (2013), as pessoas com pontuações elevadas em psicoticismo (P) tendem a agir de maneira irresponsável ou imprudente. Possuem maior facilidade em ir contrarregas sociais estabelecidas, costumam ser mais

egocêntricas possuindo maior demanda de satisfação imediata, sem depender de suas consequências.

Resultado semelhante foi observado em relação ao neuroticismo. Este dado sugere que estes adolescentes tendem a experimentar hipersensibilidade emocional mais intensa, níveis de ansiedade, preocupação e aumento da emotividade. Neuroticismo é um traço de personalidade caracterizada por instabilidade e propensão emocional para experimentar ansiedade, medo e tristeza, e está associada a dor transtorácica transtornos do humor, como depressão maior e transtorno de ansiedade (Kotov, Gamez & Schmidt, 2010; Geoffroy et al., 2016; Vaz Abeche et al, 2021) Além disso, crianças e adolescentes e que experimentaram estresse e adversidade no início da vida são mais propensos desenvolver transtornos de ansiedade, depressão e níveis mais elevados de neuroticismo, enquanto algumas alterações cognitivas também são observadas (Hopwood, & Zanarini, 2012; Jeronimus et al, 2013).

Já de acordo com Hans Eysenck (1992b) sujeitos com pontuação alta em neuroticismo (N) tendem a experimentar estresse e ansiedade com mais intensidade, podendo ter preocupações com temas sem relevância significativa, exagerando na importância destes e possuindo a sensação de impotência para lidar com situações de alto nível de estresse. Mantendo maior foco em características negativas de uma circunstância, levando o sujeito a uma desproporção negativa do momento, presente, passado ou futuro.

Ainda que o presente estudo atingido seus objetivos, destacamos algumas limitações como a verificação dos detalhes da violência relatada por um terço da amostra, bem como a comparação entre sexo, por exemplo, certamente produziria informações mais robustas para este trabalho.

Sendo possível através da soma deste trabalho, serem pensadas e propostas formas de intervenção para melhora da qualidade de vida em saúde mental nas escolas, ao se utilizar os dados evidenciados neste trabalho.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou a comprovação das hipóteses deste trabalho demonstrando que de fato Jovens com histórico de bullying, violência e ou negligência apresentam prejuízos nos índices de empatia, elevação do neuroticismo e psicoticismo.

Sendo assim este estudo buscou verificar o aspecto ambiental e sua possível relação com facilidade ou dificuldade quanto a habilidades empáticas, aspectos da personalidade e a correlação destes com histórico de bullying, negligência e ou violência na infância e adolescência.

Com maior enfoque na parte da amostra que apresentou histórico significativo de bullying, violência e ou negligência na infância e ou adolescência pode-se concluir que:

- O principal objetivo deste estudo foi alcançado, ou seja, verificamos cada um dos três dados, empatia, personalidade e histórico de bullying, negligência e ou violência, validando a correlação presente entre estes no grupo de participantes avaliados.

- Foi reconhecida neste trabalho a correlação entre baixo nível de empatia e presença de histórico de bullying, negligência e ou violência na infância e adolescência.

- Participantes que apresentaram histórico de bullying, tiveram tendência quanto a personalidade, de serem indivíduos com maior nível de psicoticismo, ou seja, pessoas normalmente mais egocêntricas, que tendem a serem menos cuidados consigo e com os outros, e ainda havendo a possibilidade de quebrar leis e normas.

- Ainda quanto a personalidade, também entre os participantes que apresentaram histórico de bullying, estes obtiveram maiores escores referentes a neuroticismo, em relação aos participantes sem histórico de bullying. Sujeitos os quais com maior índice de neuroticismo, tendem a lidar com maior dificuldade em

situações com experiências emocionais mais fortes, respondendo com mais ansiedade e variações de humor.

- A correlação entre níveis de empatia e aspectos de personalidade também foi evidenciada, sendo esta demonstrada na forma de que quanto maior o nível empático, menores foram os escores de psicoticismo e neuroticismo, sendo o oposto igualmente verdadeiro.

Portanto com base nos dados levantados nesta pesquisa deixamos então a sugestão de que através de avaliações institucionais, em ambiente escolar podem ser realizadas a fim de verificar a necessidade local quanto ao tema deste trabalho. Para que projetos de intervenção possam ser pensados, principalmente quanto a promoção de empatia e desconstrução tanto de bullying atual, quanto de situações passadas empoderando alunos para que estes tenham melhores relacionamentos interpessoais, tanto em ambiente familiar, quanto escolar, ou quaisquer outras esferas sociais das quais participem, promovendo assim maior qualidade de vida para estas pessoas.

12. REFERÊNCIAS

- Abeche, C.V., Khafif, T.C., Belizario, G. O., Silva, T.F., Harkaly, G., Gomide, P.I.C., & Serafim, A.P. (2021). Personality traits and parenting styles in boys victims of sexual abuse: a pilot study. *Arch. Clin. Psychiatry*, (São Paulo). Vol. 48(2),105-110. DOI: 10.15761/0101-60830000000288
- Adolphs, R. (2009). The Social Brain: neural basis of social knowledge. *Annual Review of Psychology*, 60, 693-716.
- Afifi, T. O., Taillieu, T., Cheung, K., Katz, L. Y., Tonmyr, L., & Sareen, J. (2015). Substantiated Reports of Child Maltreatment from the Canadian Incidence Study of Reported Child Abuse and Neglect 2008: Examining Child and Household Characteristics and Child Functional Impairment. *Canadian journal of psychiatry. Revue canadienne de psychiatrie*, 60(7), 315–323. <https://doi.org/10.1177/070674371506000704>
- Ali I. (2019). Personality traits, individual innovativeness, and satisfaction with life. *Journal of Innovation & Knowledge*, 4(1), 38-46. <https://doi.org/10.1016/j.jik.2017.11.002>
- Allport, F. H., & Allport, G. W. (1921). Personality Traits: Their Classification and Measurement. *The Journal of Abnormal Psychology and Social Psychology*, 16(1), 6–40. <https://doi.org/10.1037/h0069790>
- ANA MARTÍN-BLANCO, JOAQUIM SOLER, LAIA VILLALTA, ALBERT FELIU-SOLER, MATILDE ELICES, VÍCTOR PÉREZ, MARÍA JESÚS ARRANZ, LILIANA FERRAZ, ENRIQUE ÁLVAREZ, JUAN CARLOS PASCUAL, Exploring the interaction between childhood maltreatment and temperamental traits on the severity of borderline personality disorder, *Comprehensive Psychiatry*, Volume 55, Issue 2, 2014, Pages 311-318, ISSN 0010-440X, <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2013.08.026>.
- Anderson, C.A., & Buschman, B.J. (2002). Human aggression. *Annu Rev Psychol*, 53:27-51. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Arseneault L. (2017). The long-term impact of bullying victimization on mental health. *World psychiatry : official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 16(1), 27–28. <https://doi.org/10.1002/wps.20399>

- Arseneault L. (2018). Annual research review: the persistent and pervasive impact of being bullied in childhood and adolescence: implications for policy and practice. *J. Child Psychol. Psychiatry* 59, 405–421. doi: 10.1111/jcpp.12841
- Assed, M. M., Khafif, T. C., Belizario, G. O., Fatorelli, R., Rocca, C. C. d. A., & de Pádua Serafim, A. (2020). Facial emotion recognition in maltreated children: A systematic review. *Journal of Child and Family Studies*, 29(5), 1493–1509. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01636-w>
- Bandeira, C., & Hiltz, C. S. (2016). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35- 44
- Baron-Cohen, S. (2003). *The Essential Difference*. Basic Books.
- Baron-Cohen, S. (2011). *The Science of Evil on Empathy and the Origins of Cruelty*. Basic Books.
- Barros, R., Coutinho, D., & Cuffa, M. (2016). Desenvolvimento Socioemocional: do direito à educação à prática na escola. In: MECCA, T; DIAS, N; BERBERIAN, A; *Cognição Social: Teoria, Pesquisa e Aplicação*. Memnon.
- Bottino, S. M. B., Bottino, C.M.C., Regina, C.G., Correia, A. V. L. & Ribeiro, W. S. (2015). Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cadernos de Saúde Pública*, (3), 463-475. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00036114>
- BRASIL, Constituição. Constituição Federal Brasileira de 1988 - Artigo 227. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_227_.asp . Acesso em: 19 de novembro de 2020
- Buttman, J., & Allegri, R. F. (2001). A Cognição Social e o Córtex Cerebral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(2), 275-279
- Castelhano-Souza, M., Mendes, I. A. C., Martins, J. C. A., Trevizan, M. A., Souza-Júnior, V. D., & Godoy, S. (2018). Semantic validation of the short versions of the Empathy-Systemizing Quotient Scales. *Revista latino-americana de enfermagem*, 26, e3044. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2606.3044>
- Chamarro, A., Beltrán, E., Oberst U., & Torres, A. (2016). Gestión de la dolescente de los perfiles de Facebook de los adolescentes [Privacy management of dolescente Facebook profiles] *Ver. Medios Educ*, 48,197–208. doi: 10.12795/pixelbit.2016.i48.13.

- Chen, L., Wang, Y., Yang, H., & Sun, X. (2020). Emotional warmth and cyberbullying perpetration attitudes in college students: Mediation of trait gratitude and empathy. *Plos One*, *15*, e0235477.
- Clayton, E., Jones, C., Brown, J., & Taylor, J. (2018). The aetiology of child sexual abuse: a critical review of the empirical evidence. *Child Abuse Rev.* *27* (3), 181–197. <https://doi.org/10.1002/car.2517>
- Decety, J., Bartal, I. B., Uzefovsky, F., & Knafo-Noam, A. (2016). Empathy as a driver of prosocial behaviour: highly conserved neurobehavioural mechanisms across species. *Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences*, *371*(1686), 20150077. <https://doi.org/10.1098/rstb.2015.0077>.
- Decety, J., Skelly, L., Yoder, K. J., & Kiehl, K. A. (2014). Neural processing of dynamic emotional facial expressions in psychopaths. *Social neuroscience*, *9*(1), 36–49. <https://doi.org/10.1080/17470919.2013.866905>
- DeYoung, C.G., Cicchetti, D. and Rogosch, F.A. (2011), Moderation of the association between childhood maltreatment and neuroticism by the corticotropin-releasing hormone receptor 1 gene. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *52*: 898-906. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02404.x>
- Eisenberg, N., Eggum, N. D., & Di Giunta, L. (2010). Empathy-related Responding: Associations with Prosocial Behavior, Aggression, and Intergroup Relations. *Social issues and policy review*, *4*(1), 143–180. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2010.01020.x>
- Elgar, F. J., McKinnon, B., Walsh, S. D., Freeman, J., D Donnelly, P., de Matos, M. G., Garipey, G., Aleman-Diaz, A. Y., Pickett, W., Molcho, M., & Currie, C. (2015). Structural Determinants of Youth Bullying and Fighting in 79 Countries. *The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine*, *57*(6), 643–650. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.08.007>
- Escortell, R., Aparisi, D., Martínez-Monteaagudo, M. C., & Delgado, B. (2020). Personality Traits and Aggression as Explanatory Variables of Cyberbullying in Spanish Preadolescents. *International journal of environmental research and public health*, *17*(16), 5705. <https://doi.org/10.3390/ijerph17165705>

- Espejo-Siles, R., Zych, I., & Llorent, V. J. (2020). Empathy, social and emotional competencies, bullying perpetration and victimization as longitudinal predictors of somatic symptoms in adolescence. *Journal of affective disorders*, 271, 145–151. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.03.071>
- Evans, C. B. R., Smokowski, P. R., Rose, R. A., Mercado, M. C., & Marshall, K. J. (2018). Cumulative Bullying Experiences, Adolescent Behavioral and Mental Health, and Academic Achievement: An Integrative Model of Perpetration, Victimization, and Bystander Behavior. *Journal of child and family studies*, 27, 10.1007/s10826-018-1078-4. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1078-4>
- Eysenck, H. J., & Eysenck, S. B. G. (2013). Questionário de personalidade para crianças e adolescentes (EPQ-J). São Paulo, SP: Vetor Editora.
- Eysenck, H. J., & Eysenck, S. B. G. (2013). Questionário de Personalidade para Crianças e Adolescentes (EPQ-J). São Paulo BR: Vetor.
- Eysenck, H.J. (1990). Biological dimensions of personality. In: Pervin LA (ed.), *Handbook of personality theory and research*. (pp.244-276). New York: Guilford.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.2*. Ed. Campinas: Verus.
- Flores-Mendonza, C. (2013). *Questionário de Personalidade para Crianças e Adolescentes (EPQ-J)*. Vetor editora. São Paulo.
- Franzen, M., de Jong, P. J., Veling, W., & Aan Het Rot, M. (2021). Victims of Bullying: Emotion Recognition and Understanding. *Frontiers in psychology*, 12, 729835. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.729835>
- Geoffroy, M-C., Pereira, S.P, Li, L., & Power, C. (2016). Child Neglect and Maltreatment and Childhood-to-Adulthood Cognition and Mental Health in a Prospective Birth Cohort. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 55(1),33-40.
- Grazioplene, R. G., Deyoung, C. G., Rogosch, F. A., & Cicchetti, D. (2013). A novel differential susceptibility gene: CHRNA4 and moderation of the effect of maltreatment on child personality. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 54(8), 872–880. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12031>
- Grov, E. K., & Dahl, A. A. (2021). Is neuroticism relevant for old cancer survivors? A controlled, population-based study (the Norwegian HUNT-3 survey). *Supportive care in cancer : official journal of the Multinational*

- Association of Supportive Care in Cancer*, 29(7), 3623–3632.
<https://doi.org/10.1007/s00520-020-05870-7>
- Hopwood, C. J., & Zanarini, M. C. (2012). The contributions of neuroticism and childhood maltreatment to hyperbolic temperament. *Journal of personality disorders*, 26(5), 815–820. <https://doi.org/10.1521/pedi.2012.26.5.815>
- Ingram, K. M., Davis, J. P., Espelage, D. L., Hatchel, T., Merrin, G. J., Valido, A., & Torgal, C. (2019). Longitudinal associations between features of toxic masculinity and bystander willingness to intervene in bullying among middle school boys. *Journal of school psychology*, 77, 139–151.
<https://doi.org/10.1016/j.jsp.2019.10.007>
- Islam, M. I., Yunus, F. M., Kabir, E., & Khanam, R. (2022). Evaluating Risk and Protective Factors for Suicidality and Self-Harm in Australian Adolescents With Traditional Bullying and Cyberbullying Victimization. *American journal of health promotion* : *AJHP*, 36(1), 73–83.
<https://doi.org/10.1177/08901171211034105>
- Jeronimus, B.F., Ormel, J., Aleman, A., Penninx, B.W., & Riese, H. (2013). Negative and positive life events are associated with small but lasting change in neuroticism. *Psychol Med*, 43(11), 2403-15.
- John, A., Glendenning, A. C., Marchant, A., Montgomery, P., Stewart, A., Wood, S., Lloyd, K., & Hawton, K. (2018). Self-Harm, Suicidal Behaviours, and Cyberbullying in Children and Young People: Systematic Review. *Journal of medical Internet research*, 20(4), e129. <https://doi.org/10.2196/jmir.9044>
- Kokkinos C.M., & Voulgaridou I. (2016). Links between relational aggression, parenting and personality among adolescents. *Eur. J. Develop. Psychol.* 2016;1:1–16. doi: 10.1080/17405629.2016.1194265
- Kotov, G. W., Schmidt, F., & Watson, D. (2010). Linking ‘big’ personality traits to anxiety, depressive, and substance use disorders: a meta-analysis. *Psychol Bull* 2010, 136, 768–821.
- Krešić Ćorić, M., & Kaštelan, A. (2020). Bullying through the Internet - Cyberbullying. *Psychiatria Danubina*, 32(Suppl 2), 269–272.
- Lázaro-Visa, S., Palomera, R., Briones, E., Fernández-Fuertes, A. A., & Fernández-Rouco, N. (2019). Bullied Adolescent's Life Satisfaction: Personal Competencies and School Climate as Protective Factors. *Frontiers in psychology*, 10, 1691. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01691>

- Marques, N. M., Belizario, G. O., Rocca, C. C. A., Saffi, F., de Barros, D. M., & Serafim, A. P. (2020). Psychological evaluation of children victims of sexual abuse: development of a protocol. *Heliyon*, 6(3), e03552. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e03552>
- Martínez, J., Rodríguez-Hidalgo, A. J., & Zych, I. (2020). Bullying and Cyberbullying in Adolescents from Disadvantaged Areas: Validation of Questionnaires; Prevalence Rates; and Relationship to Self-Esteem, Empathy and Social Skills. *International journal of environmental research and public health*, 17(17), 6199. <https://doi.org/10.3390/ijerph17176199>
- Mecca, T., Dias, N., Berberian, A. (2016). *Cognição Social: Teoria, Pesquisa e Aplicação*. Memnon.
- Nixon C. L. (2014). Current perspectives: the impact of cyberbullying on adolescent health. *Adolescent health, medicine and therapeutics*, 5, 143–158. <https://doi.org/10.2147/AHMT.S36456>
- Nocentini, A., Calmaestra, J., Schultze-Krumbholz, A., Scheithauer, H., Ortega, R., & Menesini, E. (2010). Cyberbullying: labels, behaviors and definition in three European countries. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 20:129-42.
- Olson, S. L., Lopez-Duran, N., Lunkenheimer, E.S., Chang, H (2011). Individual differences in the development of early peer aggression: Integrating contributions of self-regulation, theory of mind, and parenting. *Development Psychology*, 23(1), 253-266.
- Pasian, M. S., Faleiros, J. M., Bazon, M. R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando famílias*, 17(2), 61-70.
- Peng, Z., Klomek, A. B., Li, L., Su, X., Sillanmäki, L., Chudal, R., & Sourander, A. (2019). Associations between Chinese adolescents subjected to traditional and cyber bullying and suicidal ideation, self-harm and suicide attempts. *BMC psychiatry*, 19(1), 324. <https://doi.org/10.1186/s12888-019-2319-9>
- Peterson, J.K., & Silver, R.C. (2017). Developing an Understanding of Victims and Violent Offenders: The Impact of Fostering Empathy. *J Interpers Violence*, 32(3):399-422. doi: 10.1177/0886260515586361.
- Franzen, M., de Jong, P. J., Veling, W., & Aan Het Rot, M. (2021). Victims of Bullying: Emotion Recognition and Understanding. *Frontiers in psychology*, 12, 729835. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.729835>

- Ramos, A. K. S. (2008). Bullying – a violência tolerada na escola. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242623618_BULLYING. Acesso em: 02 de novembro de 2020.
- Rebollo, I., & Harris, J. R. (2006). Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das diferenças individuais* (pp. 300-322). Porto Alegre: Artmed.
- Ricas, J., Donoso, M.T.V., & Gresta, M.L.M. (2006). A violência na infância como uma questão cultural. *Texto contexto - enferm., Florianópolis*, 15(1), 151-154. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000100019>.
- Ringdal, R., Bjørnsen, H. N., Espnes, G. A., Bradley Eilertsen, M. E., & Moksnes, U. K. (2021). Bullying, social support and adolescents' mental health: Results from a follow-up study. *Scandinavian journal of public health*, 49(3), 309–316. <https://doi.org/10.1177/1403494820921666>
- Rodríguez-Enríquez, M., Bennasar-Veny, M., Leiva, A., Garaigordobil, M., & Yañez, A. M. (2019). Cybervictimization among secondary students: social networking time, personality traits and parental education. *BMC public health*, 19(1), 1499. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7876-9>
- Bottino, S.M.B., Bottino, C.M., Regina, C.G., Correia, A.L.C., & Ribeiro, W.S. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cad. Saúde Pública*, 31(3),463-475. doi.org/10.1590/0102-311X00036114
- Schultze-Krumbholz, A., Ittel, A., & Scheithauer, H. (2020). The association between in-class cultural diversity with empathy and bullying in adolescence: A multilevel mediation analysis. *International journal of psychology : Journal international de psychologie*, 55(5), 769–778. <https://doi.org/10.1002/ijop.12700>
- Segura, L., Estévez, J. F., & Estévez, E. (2020). Empathy and Emotional Intelligence in Adolescent Cyberaggressors and Cybervictims. *International journal of environmental research and public health*, 17(13), 4681. <https://doi.org/10.3390/ijerph17134681>
- Serafim, A.P., & Saffi, F. (2016). *Neuropsicologia Forense*. Artmed, São Paulo.
- Serafim, A.P., Rocca, C.C.A., Souza, J. (2021). Avaliação da personalidade: testes projetivos, escalas e inventários. In: Eurípedes Constantino Miguel, Beny Lafer, Helio Helkis, Orestes Vicente Forlenza. (Org.). *Clínica Psiquiátrica: Os fundamentos da psiquiatria*. (pp. 361-370). V. 1. 2ed.Barueri-SP: Manole.

- Serafim, A.P., & Saffi, F. (2015). Introdução ao conceito de transtornos do comportamento e prejuízos da empatia. In: Hermano Tavares, Cristiano Nabuco de Abreu, Liliana Seger, Mirella Martins de Castro Mariani e Tatiana Zambrano Filomnskye. (Org.). *Psiquiatria, Saúde Mental e a Clínica da Impulsividade*. 1ed.Barueri - SP: Manole, 2015, v. 1, p. 105-115.
- Silva, J. L., Mello, F. C. M., Oliveira, W. A., Prado, R. R., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2018). Vitimização por Bullying em Estudantes Brasileiros: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). *Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis*, 27(3), e0310017.
- Song Y., & Shi, M. (2017) Associations between empathy and big five personality traits among Chinese undergraduate medical students. *PLoS One*, 12(2), e0171665.
- Sun, X., Chen, L., Wang, Y., & Li, Y. (2020). The link between childhood psychological maltreatment and cyberbullying perpetration attitudes among undergraduates: Testing the risk and protective factors. *PloS one*, 15(9), e0236792.
- Suzuki, K., Asaga, R., Sourander, A., Hoven, C. W., & Mandell, D. (2012). Cyberbullying and adolescent mental health. *International journal of adolescent medicine and health*, 24(1), 27–35. <https://doi.org/10.1515/ijamh.2012.005>
- Turner, M. G., Exum, M. L., Brame, R., & Holt, T. J. (2013). Bullying victimization and adolescent mental health: General and typological effects across sex. *Journal of Criminal Justice*, 41(1), 53–59. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.12.005>
- Valkenburg, P.M., & Peter, J. (2011). Online communication among adolescents: an integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *J Adolesc Health*, 48,121-7.
- van Noorden, T. H., Haselager, G. J., Cillessen, A. H., & Bukowski, W. M. (2015). Empathy and involvement in bullying in children and adolescents: a systematic review. *Journal of youth and adolescence*, 44(3), 637–657. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0135-6>
- Van Ryzin, M. J., & Roseth, C. J. (2019). Effects of cooperative learning on peer relations, empathy, and bullying in middle school. *Aggressive behavior*, 45(6), 643–651. <https://doi.org/10.1002/ab.21858>

- Vieira, F. H. M., Alexandre, H.P., Campos, V.A. & Leite, M.T.S. (2020) Impactos do bullying na saúde mental do adolescente. *Revista Ciência et Praxis*, 13(25), 91-103
- Yap, S. C., Anusic, I., & Lucas, R. E. (2012). Does Personality Moderate Reaction and Adaptation to Major Life Events? Evidence from the British Household Panel Survey. *Journal of research in personality*, 46(5), 477–488. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.05.005>
- Zhang, H., Chi, P., Long, H., & Ren, X. (2019). Bullying victimization and depression among left-behind children in rural China: Roles of self-compassion and hope. *Child abuse & neglect*, 96, 104072. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104072>

13. ANEXOS (ANEXO A – QUOCIENTE DE EMPATIA)

Abaixo há uma lista com 40 afirmações. Por favor, leia as afirmações com atenção e avalie o quão forte você concorda ou discorda com cada uma assinalando sua resposta. Não há respostas certas ou erradas, nem perguntas capciosas (pegadinhas).

A: totalmente	Concordo	B: levemente	Concordo	C: Discordo levemente	D: Totalmente	Discordo
-------------------------	----------	------------------------	----------	------------------------------	-------------------------	----------

1. Percebo facilmente se alguém quer participar de uma conversa.						
2. Tenho dificuldade em explicar coisas aos outros que eu acho simples, quando eles não entendem da primeira vez.						
3. Gosto realmente de cuidar das pessoas.						
4. Tenho dificuldade para saber o que fazer em uma situação social.						
5. As pessoas frequentemente dizem que eu insisto muito em esclarecer meu ponto de vista em discussões.						
6. Não fico muito incomodado se estou atrasado para encontrar um amigo.						
7. Amizades e relacionamentos são muito difíceis, então não preocupo em mantê-los.						
8. Frequentemente acho difícil julgar se alguma coisa é educada ou não						
9. Em conversas, tendo a me centrar em meus pensamentos e não naquilo em que meu ouvinte possa estar pensando.						
10. Quando era criança, eu gostava de cortar minhocas ou insetos para ver o que iria acontecer.						
11. Percebo rapidamente se alguém diz uma coisa, mas quer dizer						

outra.				
12. Tenho dificuldade em perceber o motivo de algumas coisas perturbarem tanto as pessoas.				
13. Tenho facilidade em me por no lugar dos outros.				
14. Tenho facilidade em saber como alguém vai se sentir.				
15. Sou rápido em perceber quando alguém em um grupo esta se sentindo desconfortável				
16. Se eu digo alguma coisa que ofende uma pessoa, acho que o problema é dela e não meu.				
17. Se alguém me pergunta se eu gostei de seu corte de cabelo, eu sou sincero, mesmo que eu não tenha gostado.				
18. Não consigo sempre saber por que alguém se sentiu ofendido com algum comentário				
19. Não me incomodo vendo alguém chorar.				
20. Sou meio direto e algumas pessoas acham isso falta de educação, mesmo que seja sem intenção.				
21. Não acho que situações sociais sejam confusas.				
22. Outras pessoas me dizem que sou bom em entender como elas estão se sentindo ou no que elas estão pensando.				
23. Quando converso com uma pessoa, tenho tendência em falar sobre as experiências dela e não sobre as minhas.				
24. Ver um animal machucado me perturba.				
25. Sou capaz de tomar decisões sem ser influenciado pelos sentimentos das pessoas.				
26. Tenho facilidade em perceber se alguém esta interessado ou entediado com o que estou falando.				

27. Perturba-me ver pessoas sofrendo nos telejornais.				
28. Amigos geralmente me contam seus problemas e dizem que sou muito compreensivo.				
29. Tenho facilidade em perceber se estou sendo invasivo, mesmo se a outra pessoa não disser nada.				
30. As pessoas às vezes dizem que eu fui longe demais com brincadeiras.				
31. Outras pessoas frequentemente dizem que sou insensível, mas nem sempre sei o porquê.				
32. Se percebo um estranho no grupo, eu penso que é tarefa dele se esforçar para participar.				
33. Normalmente não me ligo emocionalmente quando estou assistindo a um filme.				
34. Consigo entender como alguém está se sentindo rápida e intuitivamente.				
35. Tenho facilidade em perceber o que uma pessoa pode estar querendo conversar.				
36. Sei dizer se alguém está escondendo o que realmente sente.				
37. Não entendo conscientemente as regras de situações sociais.				
38. Sou bom em prever o que alguém irá fazer.				
39. Tenho tendência a me envolver emocionalmente com os problemas de amigos.				
40. Tenho facilidade para levar em consideração o ponto de vista de outra pessoa, mesmo que eu não concorde com ele.				

ANEXO B – Questionário Sociodemográfico e Verificador de histórico de Bullying e Negligência

Sexo (M/F)		
Idade		
Escolaridade (1º/2º/3º Ano do Ensino Médio)		
Inventário (Bullying, Violência, Negligência)	SIM	NÃO
Você já sofreu algum tipo de agressão física?		
Você já sofreu algum tipo de agressão verbal? (xingamentos, termos pejorativos)		
Você já sofreu algum tipo de agressão social? (racismo, intolerância)		
Alguém já espalhou rumores sobre você?		
Você já foi obrigado a fazer coisas que não queria, como dar dinheiro, ser forçada (o) a realizar trabalhos de alguém etc.?		
Você já teve objetos pessoais destruídos propositalmente por alguém?		
Você já foi excluído e ou barrado de atividades, de maneira proposital?		
Alguém já utilizou a internet, telefone ou mensagens, para dizer ou postar coisas ofensivas sobre você?		
Você já se sentiu desamparado quanto a escola, profissionais, pais (ou responsáveis), ao passar por situação de bullying?		
Você acredita que já tenha sofrido bullying, violência ou negligência em algum momento da vida?		

ANEXO C - Termo Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - NEC - IP - USP
 SÃO PAULO - SP - BRASIL

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre CORRELAÇÃO ENTRE EMPATIA E PERSONALIDADE EM JOVENS e está sendo desenvolvida por MARCOS BARBOSA DE ALMEIDA, no mestrado em Neurociências e Comportamento da Universidade de São Paulo, sob a orientação do(a) Prof(a) António de Pádua Serafim.

Os objetivos do estudo são primariamente compreender se há uma relação de influência entre níveis de empatia, traços de personalidade e histórico nos jovens participantes do estudo. A finalidade deste trabalho é contribuir fornecendo informações relevantes para futuras intervenções em empatia, com objetivo de ampliação quanto a qualidade de vida de indivíduos participantes.

Solicitamos sua autorização para que seu filho (a) tenha a oportunidade de colaborar nesta pesquisa realizada através da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP, ao responder a questionários apresentados no dia da coleta de dados, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, nomes bem como dados pessoais serão mantidos em sigilo absoluto.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, não há obrigatoriedade em fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos deste estudo, declaro o meu consentimento para que meu filho (a) tenha a oportunidade em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a)

Telefone: 13991557495 - Endereço: Universidade de São Paulo - USP – Av. Professor Melo de Moraes, Cidade Universitária. Bairro: Butatã – São Paulo - SP. CEP: 05508-030. E-mail:marcosneuro@usp.br